



Garman and Worse

Alexander L. Kielland

Download now

Read Online ➞

Garman and Worse

Alexander L. Kielland

Garman and Worse Alexander L. Kielland

This is a pre-1923 historical reproduction that was curated for quality. Quality assurance was conducted on each of these books in an attempt to remove books with imperfections introduced by the digitization process. Though we have made best efforts - the books may have occasional errors that do not impede the reading experience. We believe this work is culturally important and have elected to bring the book back into print as part of our continuing commitment to the preservation of printed works worldwide.

Garman and Worse Details

Date : Published October 11th 2007 by BiblioLife (first published 1880)

ISBN : 9781434627254

Author : Alexander L. Kielland

Format : Paperback 212 pages

Genre : Novels, Fiction, European Literature, Scandinavian Literature, Literary Fiction

 [Download Garman and Worse ...pdf](#)

 [Read Online Garman and Worse ...pdf](#)

Download and Read Free Online Garman and Worse Alexander L. Kielland

From Reader Review Garman and Worse for online ebook

Ole says

It is quite strange. All my life I have had a bias against Norwegian writers. This bias was introduced through the dedication from the Norwegian school system to force bad writings onto young children.

So, what is this bias?

I'm not a big family guy, I never have been. I really struggle to feel sorry for spoiled middleclass families arguing about their petty lives.

Not that it isn't important, it's just that there is so much more, and interesting things to read about. Following this, I can't stand the writings of Ibsen, Kielland, Tolstoy and their peers. It's boring, and subsequently it's bad writing.

So with that attitude I started reading this book.

And I was surprised to find, that I liked it. The first pages are actually really good.

I'm from (almost) the same place this book was written, and have for all my life lived close to the ocean. The first passages of this book, describes my relation to the ocean, and its beauty. It's really well written.

The rest is shit.

I was actually let down when I started reading this. I wanted to find a Norwegian writer who could disprove my ignorant and narrow minded perception - and make me change my mind. It didn't.

Off course, it is not necessary bad writing – just uninteresting, boring, petty and shallow. That is all that I can say about it. This book firmly confirmed all my prejudice against Norwegian writers.

Until I got around to read Hamsun off course – but I still don't count him to be a proper Norwegian writer, simply because he writes so well. My logic is eschewed.

So, the first Hamsun-book I read was Mysteries.

What does Nagel, our protagonist in this book do? He tears Kielland, Ibsen, Tolstoy and their kind into pieces.

And Nagel's ravaging of the fine art of literature, makes me feel better about calling Garman and Worse, a piece of shit book. Simply because all that Kielland is doing, is describing a whole lot of paper dolls, move around in a flat one dimensional universe, without believable interaction. And the biggest problem – all that they are doing – is fucking, drinking, talking shit about each other behind their backs, more fucking, cheating on each other – and talk endlessly about their petty lives. I hate that - it's a waste off paper.

Now, you can off course give this quack credit for beautifully describing the lives and interactions of a particular bourgeois family, in that part of the country... but it's still shit.

Now, to his defense, much like with Ibsen, it has been said – that these where relevant issues at the time.

Struggle for women rights, sexual morals, betrayal and so on.

These issues, although important, aren't worth anything – without being placed in a context. Maybe it was provocative when it was written, but it isn't the least provocative today.

It needs a context of good storytelling, good writing – and believable characters. Real persons, a woman to root for, a man to hate, the kid you want to take away from their awful parents – or the parents who can't have children, you want to help. When these characters are missing, the issues are irrelevant – and it becomes a redundant story. So – this book is shit.

Magnus says

Det er en meget god bog som handler om de siviliserede familier Garman og Worse. Handlingen foregår i det respektable Stavanger på 1800 tallet. Bogen tar for seg både kjærlighet, glede og sorg. Døra inn til samtidens moraloppfatninger og problemer. Anbefales på det sterkeste.

Cecilie Røed says

i had to read this, because of a class i am taking in School

Melinda Brasher says

Some of the historical detail here was really interesting, and it did have some good commentary on classism and the folly of men. The descriptions were undoubtedly nice, but too long for my taste.

My main problem was that I got the characters confused. Partly this was due to the number, partly to how many were introduced together in big clumps, partly to how each went by various names and titles, some of which made no sense. For example, why did they use the titles of consul and attaché for people who weren't diplomats? And then, of course, sometimes they were referred to by first name and other times by last name or nickname or by a description like "The Swede." The confusion was compounded by the slow nature of books of the time. It wasn't terribly page-turning, so I would forget who was who between when I set down the book and picked it up again.

Still, some of the characters were really intriguing, and I liked how it didn't end all roses.

More accurate rating: 3+

Rosa Ramôa says

"Nada é tão ilimitado quanto o mar, nada tão paciente. Carrega às suas largas costas, como um elefante

amigável, os minúsculos anões que trilham a Terra; e tem nas suas vastas e frescas profundezas lugar para todas as lamentações do mundo. Não é verdade que o mar é traiçoeiro, pois nunca prometeu nada: sem exigências, sem obrigações, livre, puro e autêntico bate o grande coração, o último saudável num mundo doente.

E enquanto os anões esforçam os olhos para ver acima dele, o mar canta a velha canção. Muitos mal a percebem, mas nunca dois a entendem da mesma forma, porque o mar tem uma palavra diferente para cada um que se coloca cara a cara consigo".

Iain Vickers says

This is a curious and atmospheric novel which has a strong sense of Scandinavian culture. Ironically it also perpetuates or may even generate some of the stereotypes. It is a family saga, which shifts focus in an uneven way but had me hooked.

Fábio Martins says

Não conhecia Alexander Kielland, de todo.

Devo em triplicado ao Joao Reis:

- 1) por ter traduzido e publicado este livro (eucleia 2010);
- 2) pela suprema gentileza e simpatia com que mo fez chegar;
- 3) pelo quanto este livro me ofereceu. Bem mais que o que eu conseguirei explicar.

Tem,logo a começar,a melhor abertura que já li. Pela tremenda beleza estética;pela escolha certa das palavras;pela evocação do mar - expediente tão banal- a servir de perfeita porta de entrada para o que se segue.

A possibilidade anunciada do mesmo mar ser tão diferente para quem quer que se coloque frente a frente com as suas ondas, serve de mote para muito o que kielland,com mestria,nos ilustra depois.

A distância que vai entre os actos e as palavras, independentemente da intencionalidade que cada humano coloca no seu gesto, é descrita com uma naturalidade e astúcia que colocam o primeiro romance de kielland a um nível raro e invulgar.

Há uma preocupação social transversal,nada panfletária, descritiva e verosímil. Assinala diferenças sem julgar,como quem sabe que a verdade é sempre mais parcial que o que se quer. Assinala-se claramente uma postura anti-clerical e pró-feminista,mas também ela atravessada pela serenidade e subtileza de quem sabe que a realidade chega,e não precisa de punchline..

Sabe bem acompanhar as imensas (atendendo à dimensão do livro) personagens ao longo das suas angústias,que são descritas sem excessos e sem dramatizações teatrais (notável,para a época) e sem paternalismos irritantes. Depois do turbilhão causado pela chegada em catadupa de personagens - agravado pela semelhança dos seus nomes (há um martens,um Martin, um Mertens..)- todas elas adquirem a solidez típica da existência real,e, suavemente,vão crescendo em frente a nós.

Extraordinário, ao contrário desta revisão enovelada, escrita em soluços, com pouca energia e pouco tempo. Mas cheia de vontade :)

Miguel Duarte says

<https://www.comunidadeculturaearte.co...>

No final do séc. XIX, a literatura era atravessada, em diversas geografias, por uma corrente realista, focada em descrever o familiar como realmente era, despojando-se do dramatismo e do estilo excessivamente floreado da escrita que marcava correntes anteriores como o romantismo. São disso o maior exemplo provavelmente os livros que nos ficaram dos tempos áureos da literatura russa, com Léo Tólstoi ou Fiódor Dostoiévski, ou, na literatura francesa, de homens como Gustave Flaubert ou Émile Zola, que cunha o termo particular do naturalismo, onde o objectivo seria dissecar com distanciamento o comportamento humano, por meio da observação e do método científico.

Na Noruega, este movimento realista foi sobretudo marcado pelo chamado grupo De Fire Store, os quatro grandes da literatura norueguesa do final do séc. XIX, Henrik Ibsen, Bjørnstjerne Bjørnson, Jonas Lie e Alexander Kielland. Se o primeiro, o dramaturgo Ibsen, é já amplamente reconhecido fora de portas, qualquer um dos outros três tem uma projecção muito limitada à realidade norueguesa ou nórdica, no geral. Daí que a recente publicação do primeiro romance de Alexander Kielland, 'Garman & Worse – Um Romance Norueguês', originalmente de 1880, por parte da Cavalo de Ferro e em tradução de João Reis directamente do norueguês, seja tão importante.

Garman & Worse trata, essencialmente, da vida de um conjunto de pessoas que vive na mesma cidade ou à volta dela, com especial foco na família Garman, dona da empresa mercante que dá nome ao livro, e na família Worse, outrora parte da empresa na qual o seu nome se mantém, mas cuja parte na mesma foi vendida pelo seu já falecido patriarca.

Expostas em relato incisivo, é das pequenas intrigas entre as diferentes partes envolvidas na história que esta se vai fazendo, ainda que algo de especialmente interessante no livro seja, ao mesmo tempo, quão pouco tempo acaba por despende o autor à volta destas mesmas questões. O foco, ou não fosse este um romance realista (acima de tudo perto do naturalismo de Zola), incide sobretudo nas diferenças entre as diferentes classes, ou seja, a diferença de padrões de julgamento face ao comportamento de pobres e ricos, de operários, pescadores, para com os detentores do real poder na cidade, os donos da Garman & Worse, mas também os membros do clero, largamente satirizados pelo autor face à sua clara falha em cumprir o papel que, teoricamente, lhes teria sido atribuído por Deus.

Garman & Worse, acima de tudo enquanto crónica de costumes, é um daqueles romances que nos relembra o egoísmo da razão humana. Não é que as motivações estejam erradas à partida e que o ser humano deseje fazer o mal sobre outros, mas que o egoísmo está em nós tão entranhado que somos incapazes de ver que, por dentro das nossas boas intenções, o nosso comportamento continua a ser vazio, ou então um mero perpetuar da situação existente. Um claro exemplo disto é quando, a certa altura no romance, a um pomposo funeral, de uma personagem importantíssima na vida da cidade, se sobrepõe outro, de uma pobre coitada que, ainda para mais, vê membros da sua família impossibilitados de assistir ao seu cortejo por obrigação profissional de marcar presença no outro, mais importante. Ora, no funeral do destacado habitante da cidade, o pastor Martens está empenhadíssimo em mostrar a falta de importância do dinheiro e a efemeridade da

vida; em como, quando mortos, ricos e pobres são iguais, ambos sepultados em sete palmos de terra. O discurso comove os presentes, de todas as classes, que choram ao ouvir o pastor, que dedica largos minutos em frente à campa do falecido, antes de, largando um pedaço de terra para a campa, dar por terminada a cerimónia, caminhando depois em direcção à campa da outra falecida, a tal que não era rica, para tratar da cerimónia desta. Chegado à zona atribuída aos pobres dentro do cemitério, apenas largar umas palavras de pesar, antes de rumar a outras paragens, conseguindo o autor mostrar, através de tão simples sucessão de acontecimentos, como os actos andam distantes das palavras, e como, afinal, mesmo após a morte, as distinções se mantêm. Não é que as palavras sejam mal-intencionadas, destinadas a iludir os ouvintes, mas estamos tão habituados aos nossos papéis que quase nunca paramos para pensar na conjugação entre o que dizemos e fazemos.

Não deixa de ser curioso que Kielland, membro de uma família de ricos mercadores, dedique tanta da sua atenção aos menos afortunados. Talvez por conhecer os meandros do funcionamento de famílias ricas como a dos Garman, lhe seja tão simples ser clarividente no retrato da vida de uma pequena cidade na costa norueguesa, e daí o seu interesse se prolongar para fora das esferas com as quais estaria habituado a conviver.

Para os privilegiados os problemas tomam maioritariamente a forma de intrigas amorosas, quando quem está na mó de baixo acaba por ter de enfrentar a morte, ou a destruição do seio familiar. Mas a tragédia toca a todos e, independentemente da classe, e como, patrão ou trabalhador, todos podem ser devastados por um acontecimento inesperado. A diferença evidencia-se no recobro; enquanto uns têm os meios para seguir em frente e continuar com o negócio, outros ficam sem alternativas que não abandonar o ofício ou a zona, ou acabar inevitavelmente nos copos, uma vida imersa em álcool quase infalível. Todos o bebem, mas só os de baixo sofrem as consequências do seu vício nele. Não é claro se Keilland julga tais desigualdades inevitáveis, a sua obra não parece apontar grandes caminhos de mudança, e sobretudo parece apresentar a vida como algo cíclico, infinito. Apesar de tudo, quer se julgue o problema modificável ou não, importa primeiro inteirarmo-nos dele, e Garman & Worse é dos mais capazes de nos mostrar a natureza humana.

Eirin says

I think I need to read the novel once more to fully appreciate it - I read it in bits and pieces, and I liked it, but I sometimes struggled remembering who were who, and what had just happened, etc, which obviously must have influenced my feelings about it. Love the beginning though, and the ending is absolutely heartbreaking...

Tânia says

<https://www.comunidadeculturaearte.co...>

Alexandra Crocodile says

Kielland is a great writer, and this is a really good book.

Halvor (Raknes) says

This novel is both entertaining, well-written and deals interestingly with many of the important social issues of the mid and late 1800s. However, it doesn't delve very deeply into any of these issues, unlike in some of his later works. Also, I sense that writing this novel, the author started out with a number of tableaux that he had already developed in his mind and wanted to fit these into an expanded, coherent narrative. There are a bit too many story lines, too many central characters, and it doesn't all tie that nicely together, rather it tends to become a little "spread-eagle". Not to a significant extent, but the tendency is palpable. Still, I should point out, there's no problem keeping these different characters and story lines apart. There's no doubt this is a great work by one of Norwegian literature of the 19th century's "Four Greats". I'm looking forward to continuing on to Kielland's second novel, *Skipper Worse* which came out a couple of years following this one.

(Go on to my review of *Skipper Worse*.)

Ana says

3,5*

Garman & Worse é uma pequena saga familiar e simultaneamente um romance de costumes da sociedade norueguesa de meados a finais do século dezanove. Trata-se de um romance de natureza realista e, tendo sido escrito em 1880, é interessante notar o questionamento de aspectos relacionados com a estratificação social, e a apreciação dos procedimentos do clero e da secundarização do papel das mulheres na sociedade. É uma abordagem subtil, sem grande aprofundamento e, de certa forma, neutra, mas que confere actualidade ao que é contado. Não falta também o toque épico, aqui materializado pelo episódio que envolve o incidente com o navio recém construído.

Gostei do estilo do autor (o leitor é brindado com uma entrada maravilhosa, dedicada ao mar, que se prolonga por alguns parágrafos), mas no início senti algumas dificuldades com o elevado número de personagens, que ora são referida pelo nome próprio, ora pelo apelido, ora pelo título - o velho Cônsul, o jovem Cônsul (que por sinal já não era jovem), o Secretário da Legação, o professor, o governador, o capelão etc., etc. - ora por alcunhas, já para não falar da semelhança entre alguns nomes (há um Martin, um Morten, um Martens). Acabei por ter de recuar e voltar a ler de uma forma mais atenta a essas variantes. Quem se decidir por esta leitura convém atentar neste ponto desde o início. Ultrapassada essa questão a leitura fluiu e consegui seguir a narrativa sempre com interesse. Não posso dizer que me tenha deslumbrado mas gostei o suficiente para dar por bem empregue o tempo despendido nesta leitura.

Assim acontece connosco, mortais. Quanta esperança vã parte com bandeira desfraldada, para ser miseravelmente despedaçada nas tempestades da vida! Mas reparem! Aquilo que foi destruído pela tempestade foi transformado por mãos humildes num novo local de habitação. Assim surge a vida da morte, o conforto da desolação e a felicidade das esperanças desfeitas, e assim toda a nossa vida pode não passar de um aproveitamento de destroços.

Susan says

I live in Kielland's home town part time and this novel captures life in Stavanger during that time.
